

"O banho de ácido de Sobel no teísmo".

Resenha de *Logic and Theism: Arguments for and against Beliefs in God*, de Jordan Howard Sobel.

[Texto em português](#) · [Ler no site](#)

Resumo

Resenha com respostas breves a alguns dos principais argumentos na abrangente crítica ao teísmo de Sobel, incluindo o seu tratamento dos argumentos cosmológico, teleológico e ontológico, o problema do mal e o problema dos milagres.

Jordan Howard Sobel, *Logic and Theism: Arguments for and against Beliefs in God*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, 652 pp., ISBN 0 521 82607 1.

Este livro é impressionante, um feito verdadeiramente extraordinário. Não consigo pensar em nenhuma outra análise do teísmo, seja por teísta ou não-teísta, comparável a ele. Sua combinação de escopo abrangente e análise penetrante torna-o uma contribuição única para a teologia filosófica. O produto de uma vida inteira de estudo, *Logic and Theism* é testemunho do domínio notável de Howard Sobel de seu assunto, pois poucos filósofos contemporâneos poderiam ter escrito uma análise tão detalhada e incisiva.

O livro é dividido em cinco partes: "divindade", uma curta seção introdutória surpreendentemente interessante sobre o que significa dizer que Deus existe; "Argumentos para a existência de Deus", que no espaço de 370 páginas trata dos argumentos ontológico, cosmológico, teleológico e daqueles baseados em milagres, a favor de Deus; "Das duas partes da concepção comum [de Deus]", que lida com a coerência de onipotência e onisciência; "Argumentos contra a existência de Deus", uma defesa tanto da versão probatória quanto lógica do problema do mal; e, finalmente, "Argumentos práticos a favor e contra crenças teístas", um panorama abrangente e empático de todos os tipos de apostas pascalianas que um aspirante a teísta pode enfrentar.

Como o título do livro sugere, os pontos fortes de Sobel são lógica, matemática e teoria da probabilidade, e estes são levados em bastante consideração em sua análise dos vários argumentos que ele considera. Felizmente, para tornar a leitura mais fácil, muito do trabalho pesado é reservado para os vários apêndices que se aglomeram no final de quase todos os capítulos. Outras quase cem páginas de comentários detalhados aparecem em notas no fim do livro. O livro é, assim, marcado por um enorme rigor, ajudando a esclarecer exatamente quais premissas estão em jogo no debate entre teístas e ateus.

Sobel revela-se um pensador ousado e independente, sem medo de desafiar opiniões consensuais. Por exemplo, em reação à visão predominante de que a versão lógica do problema do mal não é mais um problema, ele escreve: "Eu não acredito nisso" (437), passando, então, a abordar o problema detalhadamente. Ele apresenta um argumento surpreendentemente convincente para a ideia de que Deus deve criar o melhor de todos os mundos possíveis (ou, então, de todos os mundos realizáveis). Ele acha que se pode provar que nenhum objeto concreto pode ser necessariamente existente. Além disso, ele afirma que

nenhum ser digno de adoração pode ser necessariamente existente. Esta disposição de desafiar as visões convencionais contribui para que sua discussão seja ainda mais interessante.

É triste dizer que o veredito de Sobel sobre o teísmo é quase uniformemente negativo. Ele considera incorretos todos os argumentos teístas e julga incoerente o conceito de Deus como ser perfeito, enquanto argumenta que o problema do mal consegue provar que Deus, como tradicionalmente concebido, não existe. Isso não quer dizer que o tratamento de Sobel sempre vai contra o teísta: ele defende a coerência de um ser onisciente, proporcionando uma defesa magistral do conhecimento de Deus de todas as proposições verdadeiras contra os argumentos de antionisciência de Patrick Grimm e oferecendo uma defesa (um pouco excêntrica) da coerência da presciência de futuros contingentes; além disso, ele defende a viabilidade de pelo menos algumas apostas pascalianas a favor da crença teísta. Esta demonstração de imparcialidade mostra a equidade e objetividade geral de Sobel em suas avaliações. Não pude deixar de notar que é principalmente ao responder aos argumentos de Plantinga que se detecta que as costas de Sobel estão contra a parede, que seu tom se torna um pouco estridente e seus sinais de pontuação multiplicam-se (por exemplo, ?! ou !!). É nestes momentos que a pessoa sente que Sobel realmente está fazendo o seu melhor, não apenas para avaliar, mas para evitar o teísmo.

Embora o livro de Sobel seja sem igual, não quer dizer que sua crítica seja bem-sucedida. Pois a trupe de teístas contemporâneos tem proposto abordagens separadas das respectivas questões tratadas no livro que respondem de forma eficaz às críticas de Sobel. Que o teísmo sobrevive, assim, ao banho de ácido da crítica incisiva de Sobel aumenta a confiança nos argumentos da teologia natural e da racionalidade da crença teísta.

Uma parte desproporcional do livro é dedicada ao exame de vários argumentos ontológicos. Achei estranho que Sobel discuta Descartes, Spinoza e os argumentos de Leibniz antes dos de Anselmo, como se eles não tivessem se aproveitado dos erros deste último. Sua afirmação de que a compreensão da lógica simbólica moderna teria evitado suas formulações do argumento ontológico parece uma crítica demasiado fácil, com base numa formulação antagônica desses argumentos. Em todo caso, sua crítica de argumentos ontológicos modais modernos, como o de Plantinga, penso eu, é claramente indecisa. Seu argumento central contra a premissa fundamental de que "Possivelmente, existe um ser maximamente gran